



Comunicado de Imprensa n.º 16/464 (P)
PARA DIVULGAÇÃO IMEDIATA
25 de outubro de 2016

Fundo Monetário Internacional
Washington, D.C. 20431 EUA

FMI pede ações imediatas de política para garantir a retoma do crescimento

O crescimento económico na África Subsariana em 2016 deve cair para o nível mais baixo em mais de 20 anos, disse hoje o Fundo Monetário Internacional (FMI). Segundo a edição de outubro de 2016 do relatório sobre as Perspetivas Económicas Regionais para África Subsariana, intitulado *Crescimento a várias velocidades* [link], o crescimento médio na região será de apenas 1,4% — bem abaixo do crescimento populacional e em nítido contraste com as altas taxas de crescimento registadas nos últimos anos.

“O abrandamento reflete dois fatores gerais”, disse Abebe Aemro Selassie, Diretor do Departamento de África do FMI. “A conjuntura externa que muitos países enfrentam deteriorou-se, nomeadamente com a descida dos preços dos produtos de base para os seus níveis mais baixos em muitos anos e condições de financiamento muito mais restritivas. Além disso, a resposta de política em muitos dos países mais atingidos por estes choques foi tardia e insuficiente, o que agrava a incerteza, inibe o investimento privado e asfixia novas fontes de crescimento.”

Selassie advertiu, porém, que deve-se evitar substituir o forte otimismo dos últimos anos pelo pessimismo exagerado de hoje. “O quadro mais completo é o de um crescimento a várias velocidades, em que os números agregados do crescimento obscurecem a considerável diversidade em toda a região. De facto, a maioria dos países não exportadores de produtos de base — que representam cerca da metade dos países do continente — continua a apresentar bom desempenho, e a previsão é que países como Cote d’Ivoire, Etiópia, Senegal e Tanzânia continuem a crescer a taxas superiores a 6%. A maioria dos exportadores de produtos de base, porém, enfrenta graves pressões económicas. Nos exportadores de petróleo, em especial, as perspetivas a curto prazo agravaram-se muito nos últimos meses, uma vez que o dano do choque inicial dos preços do petróleo está a se alastrar para além do setor petrolífero e para o conjunto da economia, e os riscos de desaceleração tornam-se profundamente

arraigados. As condições em muitos países não exportadores de produtos de base também permanecem difíceis; na África do Sul, por exemplo, a expansão do produto deve estagnar este ano.”

Olhando para o futuro, Selassie considerou possível uma ligeira recuperação da atividade económica, desde que sejam tomadas medidas de política firmes: “Se forem lançadas reformas já nos próximos meses, o crescimento poderia se recuperar para quase 3% em 2017. Contudo, para que isto aconteça, os países mais atingidos, sobretudo os exportadores de petróleo, terão de agir com prontidão. Dada a magnitude e a natureza persistente do choque, bem como o facto de que margens de proteção existentes foram exauridas, urge adotar um esforço de ajustamento em três frentes: forte ajustamento orçamental, políticas alargadas de proteção social e reformas estruturais para facilitar a concorrência e a diversificação. Novos atrasos na abordagem dos graves desequilíbrios macroeconómicos certamente reduziriam ainda mais as perspectivas de crescimento e retardariam uma recuperação robusta e rica em empregos.”

Selassie destacou que a África Subsariana continua a ser uma região de imenso potencial económico, mas que os países mais atingidos necessitam de um conjunto alargado e internamente coerente de políticas para restabelecer a estabilidade macroeconómica.